

Aspectos da loucura em *Bartleby, o escrivão*

Samuel Rezende

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo desenvolver, a partir de algumas considerações de Michel Foucault e Gilles Deleuze, uma reflexão sobre a loucura em *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville. No conto, Bartleby, após se recusar a executar o seu trabalho de escrivão no escritório de advocacia, é diagnosticado pelo chefe, advogado e narrador, como “vítima de inata e incurável doença”. Para tratar desse diagnóstico, tomamos como ponto de partida o comentário de Foucault a respeito da diferenciação entre doença mental e loucura. Mantendo diálogo fecundo com a literatura e tentando apontar uma experiência da loucura, Foucault pensa sobre a prática médica, que, por meios técnicos, trabalha para controlar e abordar a loucura como simples patologia. Por sua vez, Gilles Deleuze, em seu comentário sobre o conto de Melville, parece investir na potência política da loucura, ao compreender que o escrivão possui uma “vocação esquizofrênica”. Assim, Bartleby não seria propriamente um doente terminal, pois, embora tomado por um mutismo quase completo e pela falta de apetite, paradoxalmente teria a capacidade de indicar uma cura.

Palavras-chave: Bartleby. Doença. Loucura.

Submetido em: 19/02/2021

Aceito em: 28/11/2021

Publicado em: 27/01/2022



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Samuel Rezende



Realiza pesquisa de doutoramento sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição em que obteve o grau de mestre em Estudos Literários com dissertação sobre a poesia de Eloésio Paulo. Bacharel em Letras (português/espanhol) pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), onde desenvolveu pesquisas de iniciação científica sobre mimesis, modernidade e pós-modernidade e trabalho de conclusão de curso sobre poesia hispano-americana, concluiu a Formação Pedagógica em Pedagogia pelo Centro Universitário Newton Paiva. Na Faculdade de Letras da UFMG, atuou como professor voluntário e estagiário em disciplinas da graduação em Letras e como tutor do curso de Especialização em Língua Portuguesa (Proleitura).



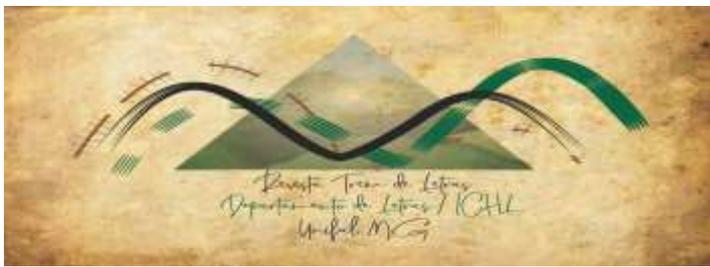
<http://lattes.cnpq.br/4708034350298995>



<https://orcid.org/0000-0002-9985-9055>



[Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - UFMG](#)



ASPECTOS DA LOUCURA EM *BARTLEBY, O ESCRIVÃO*

Samuel Rezende (Universidade Federal de Minas Gerais)¹

1 Desafio ao senso comum

Quando o advogado identifica Bartleby como “vítima de inata e incurável doença”² (Melville, 1856, p. 69), tem-se o cume do processo de conceituação empreendido até então pelo próprio narrador de *Bartleby, o escrivão*. A chegada de Bartleby colocou um problema insolúvel no escritório, cuja presença, ao desarticular o interior do local de trabalho, desafiou “a prática e o senso comum”³ (Idem, p. 52). O narrador é apreciador da biografia de vários notáveis escrivães, com capacidade para, até mesmo, escrever sobre a vida completa de muitos outros. Nesse sentido, a apreciação biográfica do advogado parece uma maneira formal de conhecimento, já que, tendo conhecido a vida profissional e privada de muitos copistas e escrivães, ele se vangloria de que poderia relatar muitas histórias sobre esse grupo singular (Idem, p. 31).

Pode-se dizer que nessa espécie de domínio narrativo em relação à vida dos escreventes subjaz, ainda que de modo sub-reptício, o objetivo para a verificação e o esclarecimento da origem, das ascendências e dos fatos, com o intuito de oferecer por alguma base sólida os acontecimentos, comprovados e ratificados, de uma existência.

¹ e-mail: rezende_s@hotmail.com

² Victim of innate and incurable disorder. (As traduções são nossas).

³ Common usage and common sense.



Esse aspecto de checagem dos eventos vivenciais é exatamente aquilo em que o advogado se apoia ao acreditar não haver qualquer material “para uma completa e satisfatória biografia”⁴ (Idem) de Bartleby, asseverando que, para ele, sem as fontes originais, há pessoas sobre as quais “nada é comprovável”⁵ (Idem, p. 32). Paradoxalmente, para um sujeito obsessivamente interessado em examinar a biografia de um grupo específico de homens, Bartleby, sendo “o mais estranho”⁶ (Idem, p. 31) dos copistas, foi quem o chamou a atenção justamente pelo escasso conteúdo de suas fontes biográficas, tornando-se para o narrador um ser difícil de ter a veracidade da origem devidamente atestada. Diante disso, nenhuma narrativa teria um fundamento seguro para determinar e traçar satisfatoriamente a vida do escrivão (Idem), transformando-o em algo complicado de ser dominado e determinado por meio de uma construção narrativa.

O efeito causado pelo escrivão incomoda pelo fato de suas palavras, “eu preferiria não”⁷, não indicarem um sentido, um significado sólido ou ainda uma representação em que as informações pudessem ser averiguadas. A ausência de um sentido lógico no dizer gera um paradoxo que não escolhe um lado, tal como se fosse um jogo dialético. Na verdade, como sugere o crítico J. Hillis Miller, em “Who is He? Melville’s ‘Bartleby, the Scrivener’”, o insólito da expressão deixa ver um “entre lugar neutro”⁸ (Hillis Miller, 1990, p. 174), incomodando qualquer pensamento ou existência fundamentado por “oposição dialética” (Idem). Assim, a frase de Bartleby não aponta para nada e tampouco oferece um sentido fixo.

⁴ I believe that no materials exist, for a full and satisfactory biography of this man.

⁵ Nothing is ascertainable.

⁶ Bartleby, who was a scrivener, the strangest I ever saw, or heard of.

⁷ “I would prefer not to”.

⁸ “(...) defining him as the neutral in-between that haunts all thinking and living by dialectical opposition”.



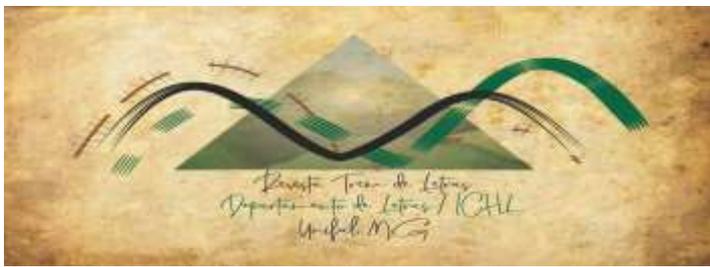
O advogado é tido pelos seus conhecidos como “homem eminentemente *seguro*”⁹ (Melville, 1856, p. 32-33) e, devido a isso, a força da narrativa atua também como um instrumento com o qual o funcionamento das relações entre os homens seja claro e preciso. Sob tal configuração segura de ser, jaz, na verdade, a lógica delineadora de um pensamento operacional altamente racionalizado, cuja atribuição, visando a um ordenamento estanque e seguro, pretende fixar e determinar uma identidade que, por meio de um conjunto de instrumentos (linguagem, pensamento, método), permita decifrar zonas escuras, áreas desconhecidas.

Diante desse modo de raciocinar, torna-se possível entrever por que, para o advogado-narrador, Bartleby fora classificado como “doente”. Por não atingir a coisa Bartleby, o narrador lança mão de um instrumental do pensamento racional a fim de, diante da falta de uma comunicação segura com o escrivão, apoiar-se na possibilidade do “controle técnico da doença”. Assim, ele pretende encerrar um ilimitado campo de experiência ao classificar o escrivão simplesmente como “doente mental”.

2 Jeito estranho de falar

As técnicas de controle da medicina, segundo Michel Foucault, cobrem um amplo campo em expansão no qual se procura inibir experiências como a loucura (Foucault, 1999, p. 213). Desde o século XVII, doença mental e loucura foram situadas dentro de uma mesma área (Idem, p. 219), sendo ambas confundidas e impelidas pelo mesmo critério unificador e delineador por meio do qual foram interpretadas como males de mesma espécie. A marca desse processo é a tentativa de fazer desaparecer a doença

⁹ “All who know me, consider me an eminently safe man”. (Grifo no original).



mental e, por extensão, a loucura, excluindo-as do interior da cultura ocidental. Foucault, no ensaio “Loucura, ausência de obra”, dirige-se a médicos, os quais são parte de um sistema que trabalha para eliminar a loucura, munidos do controle técnico dos hospitais e da larga produção de remédios. Isso demonstra que parte da cultura ocidental trabalha a distância para manter longe do conhecimento, segundo o pensador francês, a “verdade desnuda do homem” (Idem, p. 210), delegando ao silêncio a possibilidade mesma de uma multiplicidade de arranjos, cada um obedecendo a um jogo único.

Apesar de ser confundida com doença mental, a loucura não se encerra como uma patologia pura e simplesmente. Mesmo que haja um esforço para que seja empurrada para o exterior da cultura, a maneira transgressora como o seu rosto se configurou não desaparece (Idem, p. 213). O desenlace de uma ideia transcendente da loucura, enquanto “halo lírico da doença” (Idem, p. 219), distante da farmacologia e das clínicas, deixa ver a possibilidade de uma experiência “onde o que está em jogo é o nosso próprio pensamento” (Idem). Parte da tradição médica ocidental, ao relegar o contato com a loucura, privou, por exemplo, a surpresa da experiência possibilitada pela comunicação entre duas linguagens excluídas: a loucura e a literatura (Idem). Do contato com a literatura, a loucura expande-se e apresenta uma multiplicidade de estratos interditados e vinculados a uma manifestação da desrazão. Sendo, portanto, uma espécie de linguagem excluída, porque, indo contra o código da linguagem operacional e comunicacional, produz um dizer cujas palavras não pretendem obedecer a uma lógica comum de representação e, por isso, nada significam (Idem, p. 215).

A sentença de Bartleby, “eu preferiria não”, opera como um linguajar louco, na contramão das expectativas de um sentido seguro baseado numa linguagem comunicacional, formulada dentro da estrutura mecânica da gramática. Ou seja, o dizer do escrivão age como uma peça que, de certa forma, atrapalha a engrenagem gramatical.



A ação primeira de preferir não cotejar a folha causa, além de surpresa e de consternação, um verdadeiro atordoamento nas faculdades mentais do advogado (Melville, 1856, p. 48). A economia regular do interior do escritório sofre um abalo, pelo fato de lidar diretamente com uma forma de recusa que, ao mesmo tempo, não recusa. Um espanto que não pode ser identificado como um verdadeiro não. Para o advogado, a recusa do escrivão para conferir as cópias feitas não lhe parece uma incompreensão. Após uma segunda recusa de Bartleby, ao advogado lhe pareceu que o escrivão havia considerado cuidadosamente cada sentença dita, compreendido completamente os significados e, devido a isso, não poderia negar a resposta final exigida pela comunicação, porém, ao mesmo tempo, alguma consideração suprema prevalecia sobre ele a fim de responder tal como respondia (Idem, p. 51-52).

Talvez não haja algo superior sobre Bartleby que conduza a sua linguagem a uma recusa, mas, no âmbito próprio da linguagem, a loucura mostra-se como abertura de um espaço, de uma reserva, como sugere Foucault, onde o sentido e a representação são retidos e suspensos (Foucault, 1999, p. 216). Esse espaço é vazio, portanto, livre de uma determinação unívoca do sentido. Ele entrega-se à possibilidade infinita e aberta, contudo não concretizada, de ser o alojamento de diferentes configurações e arranjos de sentido (Idem). Justamente por ser uma possibilidade infinita, futura, de concretização de um sentido ou uma representação, a fenda aberta deixa livre o caminho para que o próprio advogado lance, sobre o escrivão, diferentes tentativas de interpretação, como, por exemplo, considerar a compreensão do que era dito, supor a submissão a alguma ordem superior e diagnosticar, visto ser um homem convicto de que a maneira mais fácil de viver é a melhor (Melville, 1856, p. 32), o empregado como doente mental.

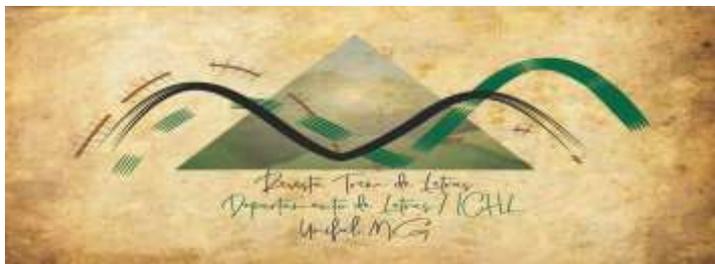
A fala individual de Bartleby causa um rumor, porque, ao enunciar o “preferiria não”, ao mesmo tempo, “acrescenta um excedente mudo que enuncia silenciosamente o que



ela diz e o código o qual ela diz” (Foucault, 1999, p. 214). A linguagem do louco em cada enunciado se mistura com um rumor que atinge o interior da razão, o próprio sistema. Portanto, a sentença de Bartleby não designa outra coisa senão literalmente a si mesma. Ela comporta-se como uma fórmula de resistência, segundo Gilles Deleuze, em *Bartleby, ou a fórmula*, porque “abole o termo sobre o qual se incide e que ela recusa, mas também o outro termo que parecia preservar e que se torna impossível” (Deleuze, 1997, p. 82-83). Sendo assim, o que resta após a enunciação da fórmula é a paradoxal quebra de referencialidade. Da cisão – o neutro, a reserva, a zona indiscernível – feita por Bartleby na linguagem, entre significado e significante, descobre-se o fora, o excedente, silencioso e negativo, abolidor das ligações dos termos referenciais entre palavras e coisas.

A palavra de Bartleby abre uma fenda na comunicação, justamente por não comunicar. Desse modo, por meio da força negativa existente em não dizer alguma coisa, Bartleby não gera uma narrativa sobre e a partir de si mesmo. Ao exercer essa “resistência passiva”, o escrivão não se submete às tentativas de controle do advogado nem revida às promessas de ataques dos outros escrivães. Exatamente o modo neutro em que Bartleby repousa, por si mesmo, incomoda. Para o advogado, “nada irrita tanto uma pessoa séria como uma resistência passiva”¹⁰ (Melville, 1856, p. 55). Se aquele que sofre a resistência, neste caso o próprio advogado, não for de um temperamento desumano, então ele deverá se empenhar caridosamente para construir na imaginação o que é impossível de ser resolvido pelo seu juízo (Idem). Em outras palavras, o advogado não desiste de Bartleby. A todo o momento, ele procura uma saída para aproximar-se daquilo que não entende e que o perturba.

¹⁰ “Nothing so aggravates an earnest person as a passive resistance”.

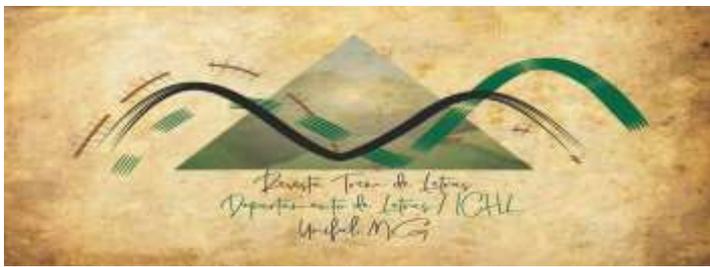


A relação do advogado com Bartleby é quase sempre uma tentativa ambígua que ora gera piedade ora gera irritação. O contato com Bartleby parece motivar naquele que procura interpretá-lo uma aproximação, enquanto atração, e um afastamento, enquanto um desinteresse. De outro modo, o advogado sente a partir do escrivão uma força desestabilizadora. Segundo ele, “havia algo em Bartleby que não apenas estranhamente me desarmava, mas, de uma maneira maravilhosa, tocava-me e me desconcertava”¹¹ (Idem, p. 51). Exatamente esse estupor causado por Bartleby desperta uma sensação estranha de proximidade familiar. Ao mesmo tempo em que se estranha com o comportamento incomum do escrivão diante dos afazeres técnicos exigidos para o bom funcionamento do escritório, o advogado se sente de um modo estranho e maravilhoso tocado e desconcertado pelo contato com a força inquietante e desordenadora exalada pelo escrivão. A difícil relação com Bartleby leva um fio de loucura ao advogado, isto é, um laivo da relação perdida do “homem com os seus fantasmas, com seu impossível” (Foucault, 1999, p. 211-212).

3 Contato que contamina

O efeito da perturbação causada por Bartleby, a cada momento da narrativa, dilata-se. A fórmula que, primeiramente, incomoda de um modo estranho o advogado, por um movimento expansivo, desarticula também os outros escrivães. As contínuas recusas de Bartleby para conferir e copiar começaram a irritar Turkey e Nippers. A forma de revide, no caso de ambos, rodeia a violência. Nippers, ao ser perguntado pelo advogado sobre o

¹¹ “But there was something about Bartleby that not only strangely disarmed me, but, in a wonderful manner, touched and disconcerted me”.



que deveria ser feito diante da recusa de Bartleby, não se envergonha de dizer que o escrivão deveria ser chutado para fora do escritório (Melville, 1856, p. 52-53). Por sua vez, diante da mesma questão, Turkey não demonstra nenhuma inibição, colocara-se em posição de luta, determinado a ir até Bartleby para deixá-lo com os olhos roxos (Idem, p. 57).

No entanto, a maneira passiva de resistir pela pronúncia da sentença alastra-se e ironicamente contamina aqueles que ameaçavam agir violentamente. Turkey, ao conversar com o advogado, reproduz o mote bartlebiano, e, ao ser questionado sobre o verbo, demonstra não estar ciente de seu uso: “Ah, *preferir*? Ah, sim – palavra esquisita. Eu nunca a utilizo. Mas, senhor, como eu estava dizendo, se ele, contudo, preferisse...”¹² (Idem, p. 73-74). Por sua vez, o advogado, sempre observador e analítico, controlador dos movimentos internos do escritório, percebe o seu uso involuntário da palavra, o que o fazia tremer só de “pensar que o meu contato com o escrivão já tinha seriamente me afetado de uma forma mental”¹³ (Idem, p. 72).

A loucura de Bartleby transgride o seu espaço único e fechado, contaminando os seus colegas de trabalho. A estranha fala do escrivão começa aos poucos a sair de seu lugar recluso e a tomar o escritório. Não raro, o narrador refere-se ao espaço ocupado por Bartleby como um “eremitério”¹⁴, local onde se recolhe aquele que se distancia do todo, resguardando-se solitariamente ao longe, e que, aqui, torna-se uma imagem indicativa da condição do escrivão dentro da unidade do local de trabalho, ou seja, ao mesmo tempo, próximo e distante, estranho e familiar, um ser exterior dentro do interior do escritório. Em

¹² “Oh, *prefer*? oh yes — queer word. I never use it myself. But, sir, as I was saying, if he would but prefer —”. (Grifo no original).

¹³ “And I trembled to think that my contact with the scrivener had already and seriously affected me in a mental way”.

¹⁴ “Hermitage”. São ao todo sete ocorrências.



Bartleby, a loucura, portanto, designa exatamente algo extraordinário no âmago do movimento ordinário, especialmente um espaço onde não há matéria conhecida. Avizinhando-se da literatura, a loucura, no contexto da obra *Bartleby*, não indica outra coisa senão a ausência de história, de fatos, de biografia, em última instância, “ausência de obra”, como sugere Foucault. Essa proximidade essencial dá-se como um sopro de loucura que atinge o interior da própria linguagem ordinária, tornando-a uma língua estrangeira, um exterior. Quanto a isso, vale lembrar que, após uma tentativa racional de explicar e de convencer Bartleby de que, como prática regular, os copistas do escritório também devem ajudar a verificar as cópias, o advogado exige do escrivão uma resposta afirmativa que demonstre a consciência dele em relação à ação mesma de verificação. Entretanto, o que o chefe ouve está longe da ordenação comunicativa que confirme e ateste, verbalmente, a compreensão da tarefa descrita pelo advogado. A fala de Bartleby, para desconcerto do narrador, repete o “Eu prefiro não”, agora soando aos ouvidos do chefe como uma flauta (Melville, 1856, p. 51), ou seja, exatamente um instrumento de sopro, que, nada atestando e confirmando, intensifica e potencializa o “halo lírico da loucura”.

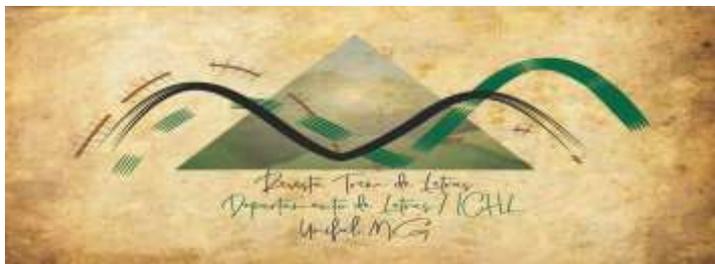
O “exterior” não é um conceito, porque, de acordo com Foucault, existe notoriamente “a dificuldade de dar ao pensamento do exterior uma linguagem que lhe seja fiel” (Foucault, 2009, p. 224). No entanto, para o contexto deste ensaio, trata-se mais de uma sugestão. A linguagem para falar do exterior sempre escapa, pelo fato de não ser algo conceituável. O “puro exterior onde as palavras se desenrolam infinitamente” (Idem) transfigura-se, aqui, na reserva em que se experimenta o acontecimento livre de exploração e descoberta, sem necessariamente fixar de maneira permanente um sentido determinado no seio da linguagem. Os valores desse lado escuro, lado em que se encontra a loucura, foram sendo excluídos pelo valor claro e racional. Nessa esteira, como



uma fenda aberta, o sopro de loucura de Bartleby exala o exterior como força disseminadora de uma linguagem reprimida por parte da cultura ocidental. Ingressar na loucura de Bartleby seria uma maneira de fazer a experiência de uma despersonalização, em que não há uma materialidade em forma de história ou biografia, porque acontece a possibilidade do encontro, para lembrar novamente Foucault, com “a verdade desnuda do homem”.

Embora Agamben trate mais de situá-lo como o partícipe mudo de uma enorme constelação filosófica, na argumentação do pensador italiano há a tentativa de aproximar Bartleby da ideia de potência absoluta (Agamben, 2015, p. 26), já que o escrivão, “libertando-se do princípio de razão, emancipa-se tanto do ser quanto do não ser e cria sua própria ontologia” (Idem, p. 35). O espaço criado por Bartleby, desvinculado de qualquer materialidade conhecida, exige, na verdade, disposição para lidar com a dificuldade do desconhecido e do enigma. Por nunca ser enquadrado em uma interpretação unívoca, Bartleby permite sempre mais. Exatamente por repousar na potência, reserva em que pode estar o mistério humano, Bartleby pode doar-se para as possibilidades infinitas das mais diversas descobertas. Não há, portanto, a positividade de uma essência, uma essencialidade intrínseca da qual se pode chamar uma referência.

Em seu processo de expansão, a potência do exterior não contamina apenas a linguagem ou o modo de falar das personagens, ela eleva-se a tal ponto que Bartleby acaba por fazer do escritório a sua própria casa. Diante do dono do espaço em que habitava, o escrivão “prefere não” deixá-lo entrar, fazendo com que o advogado saísse para algumas voltas até que tivesse encerrado seus afazeres (Melville, 1856, p. 62-63). O efeito causado deixou o advogado desarmado em suas ações em relação ao escrivão. Pela primeira vez, aquele que é o dono da narrativa, conhecedor das leis e um exímio observador, notou, em Bartleby, algo além de um ser dotado de excentricidades: o



advogado percebeu a imagem de alguém firme e senhor de si. Aqui, a brandura, alinhada à resistência passiva, causa um verdadeiro deslocamento ao fazer com que o advogado se acovardasse diante do escrivão. Esse deslocamento chega até mesmo a inverter a polaridade patrão e empregado, porque, para o advogado, é um covarde aquele que tranquilamente permite ao seu empregado ditar ou ordenar ao patrão a retirada de seu próprio local (Idem, p. 63).

O processo expansivo não se encerra com esse episódio, pois, com o pedido para ir embora do próprio escritório, Bartleby continua inoperante e quem, definitivamente, muda-se para outro ambiente é o advogado. Assim, o pai dos movimentos da narrativa, dono da voz e do escritório, retira-se da presença do exterior inominável, muito embora Bartleby jamais tenha deixado de estar em suas reflexões. A partir disso, tem-se um estágio último do processo expansivo, pois, após atrapalhar e deslocar toda a estrutura funcional do escritório, Bartleby causa demasiado incômodo no prédio em que o escritório funcionava. Retirado forçosamente do escritório, Bartleby começou a vagar pelo edifício, a sentar-se nos corrimões, a dormir nos espaços comuns, fazendo com que os clientes deixassem de visitar os ambientes de trabalho (Idem, p. 94-95). Não fazendo outra coisa senão caminhar e dormir, o escrivão gerou estranhamento até ser conduzido à prisão.

4 A vocação do escrivão

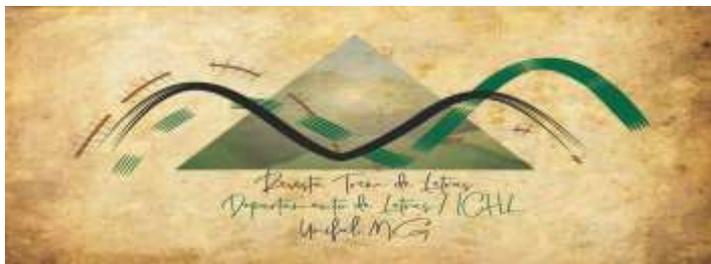
A literatura pode também adquirir um desdobramento político, no qual se entreveja uma possível articulação criativa cuja possibilidade interventiva envolva o plano comum de interação entre as pessoas. Numa última força expansiva, a loucura, em Bartleby, não se limita, ainda que profícua, a uma questão de apreciação estética, ou seja, dentro de uma leitura circunscrita ao texto literário. Escritor muito interessado na produção literária anglo-americana, Deleuze afirma que aquela literatura “apresenta continuamente



rupturas, personagens que criam sua linha de fuga, que criam por linha de fuga” (Deleuze, 1998, p. 50). Essa fuga não deve ser compreendida como um processo que recusa o contato com aspectos ligados à existência, a fim de se acastelar na esfera da imaginação e no âmbito da arte, procurando a todo custo uma ação produtiva que consista em se afastar da vida. Isso, para Deleuze, seria um erro. Na verdade, ocorre exatamente o contrário, pois, neste caso, “fugir”, para ele, “é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma” (Idem, p. 63).

A força impulsiva da loucura, compreendida aqui como o exterior, dota o escrivão, segundo Deleuze, de uma “vocalização esquizofrênica” (Deleuze, 1997, p. 103), porque Bartleby não seria propriamente um doente, mas um possível médico. Com o intuito de descentrar e deslocar estruturas hierárquicas profundas, a imagem do escrivão permite pensar a criação de um caminho, uma linha de fuga, que ajude a superar a figura paternal do advogado, enquanto representação de um controle classificador e divisor. Esse deslocamento não deve continuar a produção racionalizada e burocrática com o aprofundamento vertical das hierarquias. Deve-se, isso sim, apontar um modo articulado em que se evidencie uma perspectiva mais espalhada no espaço, cuja potência não ficaria restrita e enraizada em um único centro. Tal como ocorrera aos outros escrivães, que pela força queriam reprimir, a frase de Bartleby se dissemina, se espalha e se alastra, chegando a desorientar a estrutura regida pelo e radicada no advogado. Assim, para além de uma estrutura centralizada e verticalizada, haveria a possibilidade do desdobramento e desenvolvimento de formas descentradas e horizontais.

O escrivão surge para Deleuze, portanto, como um médico que pode ajudar a curar a dependência de estruturas que operam, nas relações humanas, por exclusão, isto é, a partir da resistência passiva de Bartleby à imagem paternal do patrão, do chefe e do senhor, haveria a possibilidade de pensar uma relação de fraternidade. Dessa forma, a



ideia da construção de uma sociedade fraterna pretenderia superar a imagem concentrada apenas em uma figura arraigada e estabelecida, representativa, portanto, de hierarquias centralizadoras. Procurando interpretar criticamente parte do pensamento político deleuziano através dos apontamentos do autor a respeito do escrivão de Melville, Jacques Rancière informa que em literatura e em política a conquista da comunidade fraterna acontece exatamente a partir da disputa e do embate com a comunidade paterna (Rancière, 1999, p. 11). De acordo com ele, Bartleby, pela ótica de Deleuze, desfaz a imagem da “obediência filial” e, “ao destruir esse retrato do pai que é o centro do sistema representativo”, possibilita, portanto, o “porvir de uma humanidade fraternal” (Idem).

A expansão final do exterior bartlebianos deságua na utopia de imaginar uma democracia a partir da ideia de fraternidade, arranjo compositivo em que as ligações não são feitas pelo grau de parentesco, mas precisamente pela aliança e pelo pacto entre aqueles cujo elo não é construído apenas pela via consanguínea, mas também pela diferença pujante de cada um. Bartleby, para Deleuze, transfigura-se, portanto, no esquizofrênico que, a um só tempo, deverá superar as formas delineadas pelo senso paternal de ordenação e regulamentação para tornar-se, então, o “médico” (Deleuze, 1997, p. 103) a disseminar e a espalhar, em clara linha de fuga desenhada contra autoritarismos de qualquer espécie, a composição de modos abertos e descentralizados como cura possível.

Sendo assim, persistindo na reflexão do pensador francês, tem-se uma configuração em que o deslocamento, por extensão o desenraizamento, abre-se como um modo de se colocar à exposição para os mais diversos contatos, sem, contudo, se prender àqueles cujo fundamento é determinar as ações e regulamentar as relações (Idem, 1997, p. 101). Apoiando-se nos *Estudos sobre a literatura clássica americana* de D.H. Lawrence, esse aspecto revelaria, a partir da condição movente da ação de se lançar



em fuga contra a segurança parálitica da proteção ordenadora, a contribuição “democrática”, segundo Deleuze, da literatura americana (Idem). Essa possibilidade democrática não tem como meta salvar Bartleby, na linha como o advogado-narrador tentou a todo o momento empreender. Na verdade, ela sugere uma espécie de “moral” cujo único objetivo é, evitando vozes autoritárias demais (Idem), buscar a liberdade. Portanto, Bartleby não é um doente preso e fixo em sua condição terminal, portador de uma doença incurável, como o diagnostica o advogado-narrador. Para nós, o seu jeito de ser esquisito, incômodo e cativante, e sua existência, “sem materiais para uma completa e satisfatória biografia”¹⁵ (Melville, 1856, p. 31), de modo algum configuram, como afirma o narrador, “uma perda irreparável para a literatura”¹⁶ (Idem), porque o deixam aberto, exercendo a sua resistência passiva, para o contínuo e livre acontecer democrático.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, ou da contingência*. Trad. Vinícius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles. Bartleby, ou a fórmula. Em: _____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 80-103.

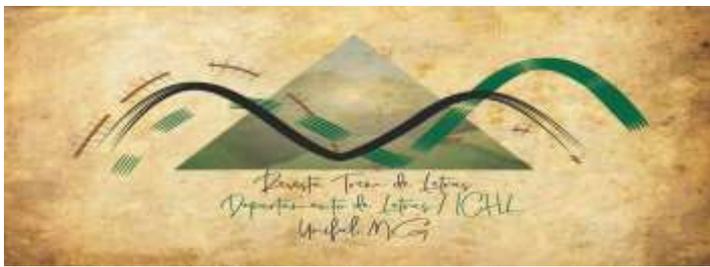
_____. Da superioridade da literatura anglo-americana. Em: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, pp. 48-91.

FOCAULT, Michel. A loucura, ausência de obra. Em: _____. *Ditos e escritos I*. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 210-219.

_____. O pensamento do exterior. Em: _____. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 219-242.

¹⁵ “I believe that no materials exist, for a full and satisfactory biography of this man”.

¹⁶ “It is an irreparable loss to literature”.

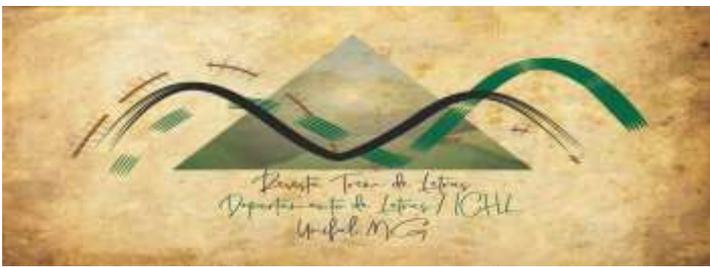


_____. *O filósofo mascarado*. Disponível em:
<<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/fe190d/texto08.htm>>. Acesso em: 16 fev. de 2021.

HILLIS MILLER, J. Who is He? Melville's "Bartleby, the Scrivener". Em: _____.
Versions of Pygmalion. Cambridge: Harvard University Press, 1990, p. 141-178.

MELVILLE, Herman. Bartleby, the Scrivener: a Story of Wall-Street. Em: _____. *The Piazza Tales*. New York: Dix & Edwards; London: Sampson Low, Son & Co, 1856, pp. 31-107. Disponível em: <<https://archive.org/details/piazztales00melvrich>>. Acesso em: 16 fev. de 2021.

RANCIÈRE, Jacques. Deleuze e a literatura. Trad. Ana Lúcia Oliveira. *Matraga*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 1-17, 1999. Disponível em:
<<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga12/matraga12ranciére.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2021.



Aspects of Madness in *Bartleby, the Scrivener*

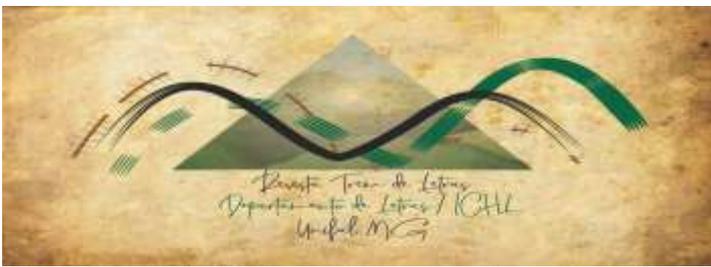
Samuel Rezende

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Abstract

This essay aims to develop, according to Foucault's and Deleuze's considerations, a reflection about madness in the Herman Melville's *Bartleby, the scrivener*. In the short story, after his refusal to continue with his task as scrivener at the lawyer's office, Bartleby is diagnosed by his boss, both lawyer and narrator, as "victim of innate and incurable disorder". To treat that diagnose, I started by the Foucault's comment on the differentiation between mental illness and madness. At the same time, keeping a prolific dialogue with literature and trying to indicate a madness experience, Foucault points out the medical practice works, by technical means, to control and to treat madness as a simple pathology. For his turn, Gilles Deleuze, in his comment on Melville's short story, seems to invest on the political potency of madness, understanding that the scrivener has a "schizophrenic vocation". Thus, Bartleby wouldn't be properly a person with terminal illness, because, even taken by a mutism almost complete and by the loss of appetite, paradoxically he might have the capability to indicate a cure.

Keywords: Bartleby. Illness. Madness.



Aspectos de la locura en *Bartleby, el escribiente*

Samuel Rezende

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumen

El presente ensayo tiene por objetivo desarrollar, a partir de algunas consideraciones de Michel Foucault y Gilles Deleuze, una reflexión sobre la locura en *Bartleby, el escribiente*, de Herman Melville. En el cuento, Bartleby, luego de su rechazo a seguir con su trabajo de escribiente en la oficina de abogacía, es diagnosticado por su jefe, abogado y narrador, como “víctima de innata e incurable enfermedad”. Para tratar el diagnóstico, tomamos como punto de partida el comentario de Foucault al respecto de la diferenciación entre enfermedad mental y locura. Manteniendo diálogo fecundo con la literatura y tentando apuntar una experiencia de la locura, Foucault piensa la práctica médica que, por medios técnicos, trabaja para controlar y abordar la locura como simple patología. Por su vez, Gilles Deleuze, en su comentario sobre el cuento de Melville, parece invertir en la potencia política de la locura, al comprender que el escribiente posee una “vocación esquizofrénica”. Así, Bartleby no sería propiamente un enfermo terminal, pero, aunque tomado por un mutismo casi completo y por la falta de apetito, paradójicamente tendría la capacidad de indicar una cura.

Palavras clave: Bartleby. Enfermedad. Locura.